

## AS MULHERES E A II GUERRA MUNDIAL:

### AS HEROÍNAS E SUPER-HEROÍNAS DOS QUADRINHOS E A LUTA PELA LIBERDADE

#### WOMEN AND THE WORLD WAR II:

#### THE HEROINES AND SUPER-HEROINES FROM THE COMICS AND THE STRUGGLE FOR FREEDOM

Natania Aparecida da Silva Nogueira \*

#### Resumo

Durante os anos de 1940 e 1945, surgiram, nos Estados Unidos, personagens femininas nas histórias em quadrinhos que se dispuseram a enfrentar a grande ameaça à liberdade, representada pelo Eixo. Essas personagens, algumas agraciadas com superpoderes, outras munidas apenas da sua coragem, serviram de inspiração para jovens norte-americanos, de ambos os sexos, e para os soldados no front. Elas são representações do ideal da mulher forte e patriota norte-americana, convocada para participar do esforço de guerra, tanto na ficção quanto na vida real. No presente texto, propomos identificar algumas dessas representações e analisar a forma como a sociedade norte-americana abre caminho para emancipação feminina mas, ao mesmo tempo, ainda busca manter as antigas relações de gênero.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos, Gênero, Representações.

#### Abstract

During the years 1940 and 1945 in the United States of America female characters emerged in comics who were willing to face the greatest threat to freedom, represented by the Axis. These character, some blessed with superpowers, others bearing only their courage, served as inspiration for young Americans, of both sexes, and for soldiers at the front. They are the strong woman and American patriot ideal representations, called to participate in the war effort, both in fiction and in real life. In this paper we propose to identify some of these representations and to examine how the American society paves the way for female emancipation but, at the same time, still seeks to maintain the old relations of gender..

**Keywords:** Comic books, Gender, Representations.

---

\* Professora de História da Educação Básica no município de Leopoldina (MG); especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora (MG); mestranda em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), em Niterói (RJ); Diretora Cultural da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS); membro da Academia Leopoldinense de Letras e Artes (ALLA), de Leopoldina (MG) e coordenadora do projeto Gibiteca Escolar, da Escola Municipal Judith Lintz Guedes Machado, em Leopoldina (MG).

## Considerações Iniciais

Nos “Anos de Ouro” (*The Golden Age*) dos *comics* norte-americanos centenas de personagens foram lançadas. Podia-se encontrar os tipos mais variados: aventureiros, heróis, super-heróis, personagens cômicos e outros. Uma diversidade tão grande, que ainda hoje é difícil precisar em números. O contexto histórico da década de 1940 foi, particularmente, fértil para os quadrinhos e abriu mais oportunidades para a participação feminina nessa indústria.

Durante a II Guerra Mundial, assim como em todos os setores da econômica, os jovens cartunistas também foram convocados para a guerra. Nomes conhecidos, como Will Eisner, trocaram seus estúdios pelos quartéis<sup>1</sup>. Paralelamente, a demanda por HQs nas quais as personagens lutassem contra o nazismo havia aumentado o trabalho nesses mesmos estúdios. Como ocorreu nas outras indústrias, a dos quadrinhos passou a absorver um número maior de mão de obra feminina<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, cresciam, também, o número de personagens, heroínas e super-heroínas, criadas para defender a América e combater o Eixo.

Ao povo Americano foi dito que um fantasma estava espalhando sua sombra por sobre todo o país. Os *comic books* apresentavam histórias de espíões estrangeiros maus atuando dentro das fronteiras da nação e os heroicos esforços de corajosos Americanos para exterminar esses vermes. Os Nazistas e os Japoneses eram mostrados como cruéis e pérfidos inimigos, perfeitamente adequados para o grande drama dos *comic books*. Um verdadeiro batalhão de super-heróis patrióticos, sob a proteção da bandeira nacional, combatentes do Eixo, seria criado para lutar contra essa ameaça secreta.<sup>3</sup>

Houve uma verdadeira explosão de personagens femininas a partir de 1941. Muitas delas vestiam roupas ou uniformes que faziam referência às cores dos Estados Unidos e se concentravam quase que totalmente ao esforço de guerra, dentro e fora do país. São essas mulheres de papel, expressão usada por Selma de Oliveira<sup>4</sup>, nosso objeto de estudo. Partimos da hipótese de que, no universo *comic books* de 1940, as representações femininas

<sup>1</sup> SCHUMACHER, Michael. *Will Eisner: um sonhador nos quadrinhos*. – São Paulo: Globo, 2013.

<sup>2</sup> ROBBINS, Trina. *Women at War: The Golden Age Comics of Lily Renée*. *The Comics Journal*, November, 2006.

<sup>3</sup> The American people were being told that a specter was casting its shadow across the country. Comic books presented stories of evil foreign spies working within the nation’s borders, and the heroic efforts of valiant Americans to crush this vermin. The Nazis and the Japanese were presented as cruel and insidious foes perfectly suited for the grand drama of comic books. A veritable battalion of patriotic, star-spangled, Axis-bashing superheroes would be created to deal with this secret menace (tradução do autor) In: MADRID, Mike. *Divas, Damages & Daredevils: lost heroines of Golden Age*. [Minneapolis?]: Exterminating Angel Press, 2013.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao Quadrado - as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990)*. – Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

ocorreram em grande escala e são representações daquilo que se espera das mulheres nos anos de guerra, assim como representações de gênero que perpassam por diversas tendências, fruto de paradigmas novos e antigos.

A partir do conceito de representação, de Roger Chartier, pretendemos analisar gestos e comportamentos, individuais e coletivos, não somente como reflexos exatos ou não da realidade, mas “entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social”<sup>5</sup>. Esses quadrinhos possuem um discurso e são, portanto, formadores de mentes, de opinião. O leitor interage e reproduz ideias e valores. A leitura é um processo construtivo, dinâmico. As obras de ficção têm, também, um papel a desempenhar nesse processo. Ainda citando Chartier, “as obras de ficção, aos menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história”<sup>6</sup>.

E os *comics* tinham muito poder, especialmente numa época em que os jovens se agarravam à fantasia para vencer uma guerra que ameaçava todo o mundo. Eles também abriram caminho para mudanças nas relações de gênero. Nesses quadrinhos, heroínas e super-heroínas representam um ideal feminino que toma corpo e força durante os anos de guerra. Personagens patrióticas que não têm medo de sacrificar suas vidas em nome da paz e lutar contra a injustiça. Fortes, bonitas e poderosas, as *Victory Girls* vão brilhar durante os anos de 1940 e povoar a imaginação de rapazes e moças e inspirar soldados no front.

### 1. De enfermeiras a pilotos: as mulheres vão à guerra nos quadrinhos

Nos *comics*, tivemos uma série de personagens em aventuras que retratavam o dia a dia dos combatentes na II Guerra Mundial. Às da aviação, marine, soldado entrincheirado e espião, todos estavam representados nos quadrinhos em seus atos de heroísmo. Mas, as combatentes também tiveram sua chance de mostrar do que eram capazes.

Nos quadrinhos da década de 1940, elas estavam lá, pilotando aviões, arriscando-se no front para salvar vidas, auxiliando como enfermeiras ou secretárias. Secretamente, mantinham uma vida dupla, ora agindo como combates do crime, ora lutando contra espiões, como heroínas mascaradas.

---

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo – 2; ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 07

<sup>6</sup> CHARTIER, 2010, p. 21

O ano de 1941 pode ser considerado como marco para o surgimento das heroínas de guerra e das heroínas patrióticas, que vestiam a bandeira de seu país e enfrentavam diversos perigos. A princípio, mulheres comuns, com habilidades de luta que as deixavam em pé de igualdade com os homens e, na maioria dos casos, até melhores do que eles. Eram inteligentes e bonitas. Uma dessas personagens foi *Pat Parker, a War Nurse*.

A *War Nurse* foi uma personagem feminina inspirada no esforço de guerra e criada pela ilustradora Jill Elgin. Ela fez sua primeira aparição na *Speed Comics #13*, em 1941, revista publicada pela *Harvey Publications*. Ela não tinha poderes, mas muita atitude. Suas primeiras histórias eram mais realistas e buscavam mostrar um pouco da vida das enfermeiras no front, sua bravura e os riscos que corriam para salvar pessoas. Entretanto, a personagem não emplacou e acabou sendo reformulada, ganhando um uniforme diminuto, uma máscara e dando outra direção às suas aventuras. Em 1942, passa para as mãos de outra cartunista, Barbara Hall, e torna-se líder de um grupo internacional de combatentes chamado *Girl Commandos*.

Essa equipe, única na história dos quadrinhos, era formada apenas por mulheres; cada uma com uma nacionalidade diferente. Além de Pat Parker, faziam parte da *Girl Commandos*: Ellen Billings, britânica e amiga de Pat, Tanya, uma "fotógrafa oficial soviética", Penelope "Penny" Kirt, uma repórter de rádio americana e Mei-Ling, uma chinesa que se junta à equipe para vingar a morte de sua família nas mãos do exército japonês.<sup>7</sup> A *Girl Commandos* foi publicada até 1947. É relevante destacar que foi uma história em quadrinhos produzida por mulheres, Jill Elgin (1941-1943) e Barbara Hall (1942 e 1945); esta última passou a assinar como Barbara Calhoun.

---

<sup>7</sup> Girl Commandos. Disponível em [http://pdsh.wikia.com/wiki/Girl\\_Commandos](http://pdsh.wikia.com/wiki/Girl_Commandos), acesso em 11/05/2013



Imagem 01 - Girl Commandos. Speed Comics. - Harvey Comics nº 26, 1943, p. 50.

Se as enfermeiras faziam sucesso comandando equipes de heroínas, as pilotos de caças estavam entre algumas das personagens preferidas do público leitor. Uma das heroínas criadas em 1941 e que trilhou um longo caminho até se tornar uma referência para a força aérea dos Estados Unidos foi a *Miss Victory*.

Joan Wayne era uma estenógrafa que trabalhava para o escritório da *Secretary of Commerce*, em Washington (DC). Ela usava sua posição para obter informações sobre as atividades inimigas e usá-las para defender os Estados Unidos.<sup>8</sup> Depois de várias promoções, tomou-se piloto de missões de voo. Participou de várias missões perigosas na Europa. No Pacífico, enfrentou japoneses e lutou contra sabotadores nazistas alemães, em solo norte-americano. Tornou-se um ás da aviação: a Capitã Joan Wayne.

Seu nome foi inspirado em um ídolo norte-americano da época, John Wayne. Podemos levantar a hipótese de que a escolha do nome da heroína era, também, uma forma de atrair leitoras femininas, dando a elas uma personagem que se equivalesse a um ídolo masculino. A heroína, é claro, também possuía os atributos que agradavam aos rapazes: era

<sup>8</sup> The Evolution of Ms Victory. In.: Hangerhouse Archives, n. 06. The Complete Miss Victory Collection. The Evolution of Ms Victory. 2013, p. 01.

bonita e sensual. Suas roupas eram curtas e foram ficando cada vez mais reveladoras com o tempo. A Miss Victory foi uma das primeiras heroínas a vestir as cores dos Estados Unidos, uma *Victory Girl*, termo que tomamos emprestado de Mike Madri, que faz referência ao grupo de belas mulheres, uma mistura de pin-up e patriota, que seus minúsculos uniformes lutaram contra os nazistas.<sup>9</sup>

A presença feminina em atividades aeronáuticas – como, por exemplo, piloto que executava missões perigosas - nos *comics* era inspirada e, também, inspirou mulheres na vida real. Nos Estados Unidos, durante a Guerra, foi criada a *Women's Airforce Service Pilots*, ou *WASPs*. Mais de 1.000 *WASPs* serviram durante a guerra e 38 delas perderam a vida durante o conflito mundial. O general *Spaatz*, comandante em 1945 das forças aéreas estratégicas do Pacífico, chegou a afirmar que não via diferença entre homens e mulheres, além do fato de as últimas usarem saias.<sup>10</sup>

A Miss Victory foi publicada pela primeira vez na revista *Captain Fearless # 01* pela *Holyole Publishing Company*, ou *Holyale Comics*,<sup>11</sup> em agosto de 1941, meses antes da Mulher Maravilha. Na sua primeira aventura, luta contra uma organização criminosa que envolvia políticos corruptos. Sua origem não era clara. Ela foi criada por Charles M. Quinlan, que assinou a arte, embora não se saiba ao certo quem tenha sido responsável pelo roteiro. Duas mulheres estiveram, posteriormente, à frente da personagem. Uma delas foi Alberta Tews (Al Tews), que passou a ser responsável pelo roteiro. Tews iniciou sua carreira como letrista freelance para *Timely Comics*, no início da década de 1940, tendo trabalhado em vários estúdios.

Outra foi Nina Albright, uma das mais destacadas artistas femininas do período, que trabalhava com quadrinhos de aventura. Albright assumiu a personagem a partir da edição da *Captain Aero # 17*. Foi ela que redesenhou o uniforme da Miss Victory, tornando seu decote mais revelador e sua roupa mais curta e sexy<sup>12</sup>. Albright, que fez da recatada Miss Victory uma personagem sensual, em 1944, trocou a bermuda comprida por um mini-short e aumentou o decote em “V”, que passou a caracterizar a personagem.

---

<sup>9</sup> MADRID, Mike. *The Supergirls: Fashion, feminism, fantasy, and the history of comic book heroines*. [Minneapolis?]: Exterminating Angel Press, 2009.

<sup>10</sup> QUÉTEL, Claude. *As mulheres na guerra* – vol 02. São Paulo: Larousse, 2009, p. 143.

<sup>11</sup> A Holyole é muitas vezes confundida com empresas da propriedade de Frank Z. Temerson, como a Helnit. Em 1943, era conhecida como Continental Publishing (Holyoke Publishing. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Holyoke\\_Publishing](http://en.wikipedia.org/wiki/Holyoke_Publishing)>, acesso em 10.jul.2014.)

<sup>12</sup> PARDUCCI, James CCI: Comic Character Investigation #39. Disponível em: <http://www.comicbox.com/index.php/articles/cci-comic-character-investigation-39/>, acesso em 08/07/2014.

Na década de 1950, Nina Albright deixou os quadrinhos e passou a trabalhar apenas com ilustração. Durante a Era de Ouro dos Quadrinhos, sua última aparição foi registrada na revista *Captain Aero* # 26, agosto de 1946, quando, então, os heróis patriotas já não despertavam mais tanto interesse<sup>13</sup>.



IMAGEM 02 - Miss Victory. Captain Fearless Comics. Continental Publishing, nº 01, 1941, p. 47.



IMAGEM 03 - Miss Victory. Captain Aero – Continental Publishing, nº 26, 1946, p.19

Albright produziu muitos quadrinhos usando o estilo da GGA (*Good Girl Art*) com personagens femininas sensuais, que usavam roupas curtas e provocativas. As GGAs são uma narrativa em forma de pin-up incorporada com sucesso nos quadrinhos de aventura, crime e superaventura. Durante a II Guerra Mundial esse tipo de representação feminina atingiu um grande sucesso, sendo muito popular entre os soldados.<sup>14</sup>

## 2. Super-heroínas que vestem vermelho e azul: patriotismo e superpoderes

Quando se fala em super-heroína patriota norte-americana possivelmente vem à mente a já imortalizada Mulher Maravilha, uma das personagens femininas de maior

<sup>13</sup> MISS Victory (01 - 40's). Disponível em: <<http://comicbookdb.com/character.php?ID=5633>>, acesso em 09/07/2014.

<sup>14</sup> SCOTT, Kevin Michael. Op.Cit. 1991, p. 26.

sucesso nos quadrinhos em todos os tempos. Ela, que nem é norte-americana, veste uma roupa inspirada na bandeira daquele país e aparece para combater o caos da guerra em nome da harmonia do amor.

A personagem foi concebida para ser um símbolo, um exemplo da perfeição e superioridade feminina. A Mulher Maravilha surgiu em 1941, pelas mãos do psicólogo *William Moulton Marston*. Marston apresenta a personagem a partir de suas qualidades superiores, que podem remeter ao ideal do amazonismo, definido décadas mais tarde por Sal Randazzo como expressão extrema da mulher guerreira, que considera o patriarcado, assim como os homens, essencialmente opressivo.<sup>15</sup>

Mas se a Mulher Maravilha é a mais conhecida, não foi necessariamente a primeira e a única a defender a liberdade em tempos de guerra. Nenhuma talvez tenha sido tão patriótica quanto Miss América, uma jovem repórter do *Daily Star*, Joan Dale. Joan é uma pessoa comum que, certo dia, tem um sonho no qual o espírito da liberdade, representado pela estátua da liberdade, lhe faz uma visita e lhe confere poderes mágicos, para que ela possa lutar contra os inimigos da liberdade. Ela acorda e percebe que tem realmente superpoderes.

A Miss América foi criada por Elmer Wexler e publicada pela *Quality Comics* (que mais tarde vendeu os direitos de publicação de seus personagens para a *DC Comics*), aparecendo pela primeira vez na *Militar Comics # 01*, em 1941. Assim como outras heroínas patrióticas, a Miss América surgiu um pouco antes da Mulher-Maravilha.

Mas, se sobrava patriotismo para os roteiristas e desenhistas nos anos de 1940, faltou um pouco de originalidade, pelo menos na escolha dos nomes. Muitos personagens eram descaradamente plagiados. Mudava-se uma característica física ou outra, mas a fórmula básica, que iria garantir o sucesso era mantida.

A outra Miss América, Madeline Joyce Frank, seria lançada anos mais tarde, em novembro de 1943, pela *Timely Comics*, na *Mystery Comics # 49*, criação do roteirista *Otto Binder* e do desenhista *Al Gabriele*. Mesmo nome, uniforme parecido, mas atitudes e origens um tanto diferentes, iriam caracterizar essas duas super-heroínas patriotas.

A Miss América da *Timely Comics* ganhou seus poderes de um experimento científico. É uma mulher frustrada com sua condição feminina que considera fraca e inútil. Ela acredita

---

<sup>15</sup> OLIVEIRA, 2007, p. 07.

que para fazer diferença teria que ter a força intimidadora de um homem. Acabou ganhando a força de mil. Ela é a mulher que precisa ocupar o lugar do homem para manter a ordem e lutar pela justiça. Em seu discurso ela aceita o ônus da masculinidade (força, poder) para compensar a fraqueza feminina do mundo, do contexto (guerra) em que ela vive<sup>16</sup>.

Se a Mulher Maravilha enaltece a superioridade feminina e deseja vencer o “mal” através do amor, a Miss América não acredita na capacidade feminina de vencer obstáculos, ela deseja atingir a justiça por meio da força e ressalta o discurso da inferioridade feminina.



Imagem 04 - Miss América usando seu uniforme patriótico. Destaque para as estrelas e listras. *Military Comics, Quality Comics*, nº 07, 1942, p. 46



Imagem 05 - Miss América. Uniforme vermelho com capa azul. Escudo faz referência aos Estados Unidos. No fundo, uma suástica ressalta a luta contra o nazismo. *Marvel Mystery Comics*, nº76, 1946, p.01

A primeira Miss América vestia um vestido vermelho nas suas primeiras aventuras, depois trocou por um uniforme com símbolos patrióticos. A mulher maravilha, desde seus primeiros rascunhos, já possuía um uniforme com referências à bandeira norte-americana e a segunda Miss América já traz, desde o início, um grande brasão em destaque.

É interessante notar que as três super-heroínas têm em comum o fato de seus uniformes serem, direta ou indiretamente, referência aos Estados Unidos. As cores de seus

<sup>16</sup> SMITH, Colin. On Wonder Woman & Miss America In The Golden Age: "If I Were Only A Man!" (2013) Disponível em <<http://toobusythinkingboutcomics.blogspot.com.br/2013/03/on-wonder-woman-miss-america-in-golden.html>>, acesso em 27.abr.2013.

uniformes são combinações de azul, vermelho e branco, com maior ou menor predominância de uma dessas cores. Neles, podem estar presentes estrelas, listras, escudos ou qualquer outro símbolo patriótico, como a águia, por exemplo, uma característica presente em muitos dos heróis e super-heróis patrióticos, antes, durante e depois da II Guerra Mundial.

### Considerações Finais

Os *comics* norte-americanos da década de 1940 apresentam um rico material de pesquisa para várias áreas das ciências humanas. Abundam em ideologias e representações que ajudam a compreender melhor o contexto da época e não apenas dos Estados Unidos. A indústria dos quadrinhos estava em plena expansão e alcançando diversos países e é sabido que os Estados Unidos utilizaram os meios de comunicação durante a II Guerra Mundial para divulgar sua ideologia antinazista, por isso, nada melhor do que os quadrinhos para atingir a população.)

O Brasil, por exemplo, foi alvo da política de boa vizinhança que, entre outras coisas, promoveu um intercâmbio cultural intenso. Nos quadrinhos desse período, inclusive, temos referências constantes à América do Sul e até a personagens latino-americanos, como a guerrilheira brasileira Era, nas aventuras da Miss Fury, ou atriz latina e espiã, Senhorita Rio. O Brasil foi cenário de muitas aventuras em quadrinhos durante a II Guerra Mundial. Era reconhecido o interesse do EIXO na América do Sul.

Personagens dos quadrinhos lutaram contra nazistas em terras brasileiras, assim como impediram os planos de conquista de Hitler. Este, por sinal, era um vilão perfeito e esteve presente em capas de revistas ou mesmo em aventuras nas quais, claro, sempre era derrotado. No discurso presente nos quadrinhos produzidos na época não poupavam esforços para se combater o mal representado pelo avanço do totalitarismo. Para este esforço de guerra, as mulheres foram convocadas. Elas se tornam agentes da paz em busca da manutenção da liberdade.

Nos Estados Unidos, assim como em outras nações, as mulheres ganharam espaço. Nos quadrinhos, como vimos, elas estão representadas pelas personagens fortes e determinadas, verdadeiras patriotas. Vestir um uniforme vermelho, azul e branco era reafirmar a defesa da nação. Personagens patrióticas têm muito a dizer sobre as

representações que existiam das mulheres naquela época. Há aquelas para quem o esforço de guerra é temporário, que com a vitória e o retorno da normalidade irão pendurar seus uniformes e retornar à sua vida normal. Lutar é um mal necessário. Colocar-se lado a lado com os homens era uma situação provisória.

De outro lado, temos as heroínas que simplesmente gostam do que fazem. São guerreiras que pretendem continuar lutando contra a injustiça e não se consideram nem melhores nem inferiores aos homens. Aquelas que desejam retornar às suas casas após a guerra, para uma vida doméstica segura e monótona e, também, aquelas que desejam seguir carreira, que não veem mais suas perspectivas resumidas apenas a um bom casamento.

É possível se fazer uma História das Mulheres e das relações de gênero a partir do uso dos quadrinhos e, aos poucos, desmitificar alguns dos discursos generalizantes utilizados para se justificar, por exemplo, o suposto aceitamento da mulher em cumprir seu dever cívico durante a guerra e retornar pacificamente para a domesticidade do lar ou para atividades produtivas de menor impacto social com o retorno dos homens.

As mulheres que brilham nos quadrinhos dos anos de guerra, as *Victory Girls*, não se encaixam no papel pré-estabelecido de dona de casa, mãe e esposa. Elas são muito mais, podem muito mais. Mesmo as relutantes, embebidas de um sentimento de inferioridade em relação aos homens, nos dizem muita coisa. Todas elas são representações das mulheres que desejam, de mulheres idealizadas, mas também, são, em parte, representações das mulheres que já existem e sobre as quais estamos ainda começando a conhecer, começando a construir sua história.

## Referências

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. -2. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HOLYOKE Publishing. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Holyoke\\_Publishing](http://en.wikipedia.org/wiki/Holyoke_Publishing)>, acesso em 10.jul.2014.

MADRID, Mike. *Divas, Damages & Daredevils: lost heroines of Golden Age*. [Minneapolis?]: Exterminating Angel Press, 2013.

\_\_\_\_\_. *The Supergirls: Fashion, feminism, fantasy, and the history of comic book heroines*. [Minneapolis?]: Exterminating Angel Press, 2009.

MISS Victory (01 - 40's). Disponível em: <<http://comicbookdb.com/character.php?ID=5633>>, acesso em 09.jul.2014.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao Quadrado - as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990)*. Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

PARDUCCI, James CCI: Comic Character Investigation #39. Disponível em: <<http://www.comicbox.com/index.php/articles/cci-comic-character-investigation-39/>>, acesso em 08.jul.2014.

QUÉTEL, Claude. *As mulheres na guerra – vol 02*. São Paulo: Larousse, 2009.

ROBBINS, Trina. Women at War: *The Golden Age Comics of Lily Renée*. The Comics Journal, November, 2006.

SMITH, Colin. On Wonder Woman & Miss America In The Golden Age: "If I Were Only A Man!" (2013) Disponível em <<http://toobusythinkingboutcomics.blogspot.com.br/2013/03/on-wonder-woman-miss-america-in-golden.html>>, acesso em 27.abr.2013.

SCHUMACHER, Michael. *Will Eisner: um sonhador nos quadrinhos*. São Paulo: Globo, 2013.

SCOTT, Kevin Michael. *Images of women in the popular culture publications of Fiction House, 1941-1952*. A Thesis Submitted to the Graduate Faculty in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of MASTER OF ARTS. Iowa State University, 1991.

### Revistas em Quadrinhos

CAPTAIN Aero Comics. Continental Magazines, n. 21, 1944.

CAPTAIN Aero Comics. Continental Magazines, n. 22, 1945.

CAPTAIN Fearless Comics. - Continental Publishing nº 01, 1941.

CAPTAIN Aero - Continental Publishing, nº 26, 1946.

HANGERHOUSE Archives, n. 06. The Complete Miss Victory Collection. The Evolution of Ms Victory. 2013.

SPEED Comics. Harvey Comics nº 13, 1941.

SPEED Comics. - Harvey Comics nº 26, 1943.